

## DESLOCAMENTO DAS FIGURAS DA ENUNCIÇÃO A PARTIR DOS “SERES DE DISCURSO” DUCROTIANOS

Por Hélio de Oliveira<sup>1</sup>

### Introdução

Este trabalho toma como objeto o estatuto que adquirem algumas figuras enunciativas dentro das problemáticas da enunciação. Não raro, o mesmo termo é mobilizado de maneiras diferentes na mesma área de conhecimento, ou em áreas “vizinhas”, filiando-se a diferentes teorias. O objetivo do texto é descrever e exemplificar as categorias “clássicas” de falante, locutor, enunciador, enunciatário, destinatário, partindo das teses de Ducrot (1987, 1989) sobre polifonia e argumentação na língua, representadas pelos personagens da enunciação que ele denomina “seres de discurso”, passando pelo desenvolvimento da figura de destinatário tal como apresentado por Verón (1987) e chegando ao deslocamento das figuras locutor e enunciador proposto por Guimarães (1996, 1998, 2005), além de sua redefinição de “falante”, dentro de um quadro teórico mais amplo. Ao longo deste percurso, procura-se operacionalizar os conceitos apresentados analisando enunciados de uma peça publicitária da marca Coca-Cola, cujo mote é um projeto social. Assim, as considerações que seguem podem ser inseridas no domínio caracterizado por Guimarães (1996, p. 99) como “Semântica da enunciação”<sup>2</sup>.

### A denominação ducrotiana

As personagens enunciativas concebidas por Oswald Ducrot entram em cena para representar sua *Teoria da Polifonia*, que é apresentada de forma a opor-se à tese da unicidade/onipotência do sujeito cartesiano e psicológico em voga na pragmática. Segundo Negroni (1998, p. 40), a *Teoria da Polifonia* é concebida como uma extensão “linguística” dos trabalhos de Bakhtin sobre literatura, a partir de uma retomada das propostas de Bally (1965). Após algumas considerações em *Les mots du discours* (1980), Ducrot apresenta de maneira efetiva (mas não definitiva) sua teoria polifônica

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística IEL/UNICAMP, Grupo FEStA. [helio.sjbv@gmail.com](mailto:helio.sjbv@gmail.com)

<sup>2</sup> Embora citemos mais adiante as figuras enunciativas que o próprio Guimarães desenvolveu ao teorizar sua “Semântica do acontecimento”, preferimos manter nosso trabalho numa denominação menos específica, haja vista incluirmos em nosso texto outros autores como Ducrot e Verón, este último, um analista do discurso.

em 1984<sup>3</sup>, deixando clara a distinção entre locutor e enunciador e suas subdivisões. Nessa concepção, o sujeito falante/empírico não participa do processo de produção de sentido do enunciado, portanto é “descartado” das análises ducrotianas. Por conseguinte, o locutor é uma ficção discursiva, aquele a quem se referem as marcas de primeira pessoa. Eventualmente, ele pode apresentar-se como sujeito empírico, mas na verdade é uma “representação” desse sujeito (DUCROT, 1987, p. 187). O locutor ainda pode desdobrar-se em:

(L) locutor enquanto responsável pela enunciação.

(Y) locutor enquanto pessoa no mundo.

Os enunciadores, por sua vez, são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para isso lhe sejam atribuídas palavras precisas. Ducrot explica que “não são pessoas, mas sim ‘pontos de vista’ abstratos; o locutor mesmo pode ser identificado com alguns destes enunciadores, mas na maioria dos casos ele os apresenta mantendo certa distância em relação a eles” (1988, p. 20). Esta citação já faz parte das conferências de Cali e apresenta um desenvolvimento importante da noção de enunciador como a indicação da posição do locutor em relação a esses enunciadores (o locutor se identifica, assimila, rejeita, ou simplesmente apresenta os enunciadores). Diz-se que eles, os enunciadores, falam, mas somente “no sentido em que a enunciação expressa seu ponto de vista, sua posição, mas não, no sentido material do termo, suas palavras” (TEIXEIRA & BARBISAN, 2002, p. 168), pois a polifonia acontece no nível do enunciado, e é assim integrada à noção de argumentatividade. As autoras acima citadas destacam o seguinte exemplo:

“Faz bom tempo, mas estou cansado”. Em enunciados assim, o locutor apresenta quatro enunciadores: E1, cujo ponto de vista é o de que faz bom tempo; E2, que justifica o convite ao passeio a partir do bom tempo; E3, que alega o cansaço e E4, que conclui, a partir do cansaço, por não fazer o passeio. Quanto às posições do locutor relativamente aos enunciadores, tem-se: a E1 dá sua aprovação; com E2 conclui favoravelmente ao passeio; o locutor se identifica com E3 e com E4. A posição do locutor é então de recusa ao passeio (idem).

Com isso, Ducrot chega à afirmação de que “o sentido do enunciado não é mais que o resultado das diferentes vozes que ali aparecem” (1988, p. 20) e que descrever o sentido de um enunciado consiste em responder a perguntas como: O enunciado contém a função de locutor? A quem se assimila o locutor? Quais são os diferentes

---

<sup>3</sup> 1987, na tradução brasileira.

pontos de vista expressados? entre outras. Em suma, o sentido do enunciado é uma descrição de sua enunciação e é o próprio enunciado que fornece as indicações necessárias a essa descrição.

A seguir, procura-se aplicar essas considerações teóricas a alguns enunciados coletados de uma latinha de refrigerante da marca Coca-Cola (anexo 01). Acharmos interessante analisar esta peça publicitária justamente pelo suposto “destaque” com que a figura do sujeito empírico é representada na publicidade. Além do nome próprio “Sebastião dos Santos” logo abaixo do enunciado – que aparece na forma de depoimento, com marcas da primeira pessoa – percebe-se que as palavras foram diagramadas de tal forma a desenharem a figura do rosto do “indivíduo” supostamente “autor” do enunciado. A cena enunciativa construída pela publicidade põe em destaque a figura e a “voz” do sujeito empírico como se esta fosse a única voz presente no enunciado. A análise enunciativa proposta por Ducrot seria, então, uma das maneiras de descompactar essa suposta unidade, fragmentando-a e expondo as outras vozes que ali também falam, ou melhor, significam.

Tomemos o primeiro enunciado:

**(Excerto 01)** Eu sempre falava pra minha mãe: “eu não gosto de catar lixo”

O primeiro gesto seria descartar o sujeito empírico (Sebastião dos Santos, que trabalha como presidente da associação de catadores de lixo reciclável da comunidade Jardim Gramacho), excluindo-o como participante do sentido do enunciado em questão<sup>4</sup>. Quanto à figura do locutor, a princípio enxergamos ali (enganosamente) o desdobramento deste em (L) locutor enquanto responsável pela enunciação, representado pela primeira aparição do pronome “eu” e também o (Y) locutor enquanto pessoa no mundo, representado pela segunda ocorrência do pronome “eu” que, inclusive, aparece entre as aspas indicativas do discurso direto. Entretanto, uma análise mais detalhada indica, na verdade, uma sobreposição das duas figuras: (L) e (Y) aparecem somadas, e, além disso, articuladas à imagem de autor significada pelo nome próprio, à guisa de assinatura. Nesse caso, o locutor é, ao mesmo tempo, o responsável pela enunciação e o ser referido pelo enunciado. Em outras palavras, podemos identificar (Y) através de (L) na simultaneidade em que (L) qualifica o que (Y) faz.

Para a análise dos enunciadores, passaremos a um enunciado que contenha o conectivo “mas” dada sua representatividade.

---

<sup>4</sup> Posteriormente, retornaremos à questão do nome próprio, à propósito das considerações feitas por Guimarães (2005).

**(Excerto 02)** Eu tinha oito anos e levava comida para minha mãe e meus dois irmãos que trabalhavam lá, mas não me deixavam catar lixo.

Nesse caso, o locutor apresenta quatro enunciadores:

E1, cujo ponto de vista é o de que a família trabalhava como catadora de lixo;

E2, que apresenta como “natural” que o filho também trabalhasse como catador;

E3, que alega a proibição da família ao filho catar lixo;

E4, que conclui justificando o porquê de não catar lixo quando criança embora isso fosse dado como “previsto” por E1 e E2 (A família supostamente queria um destino diferente para o filho mais novo).

Aqui podemos perceber a estrutura X, mas Y onde E1 contém o ponto de vista de X, E2 tira uma conclusão a partir de X, E3 sustenta o ponto de vista de Y e E4 chega a uma conclusão negativa. Nesse caso, o locutor rejeita E2 e se identifica com E4, mas não rejeita E1 e E3, aprovando ou identificando-se com eles. Dessa forma, além da polifonia no nível dos enunciadores (e eventualmente, dos locutores) esse tipo de análise se relaciona com a *Teoria de argumentação na língua* – também desenvolvida por Ducrot – e que põe em relevo a noção de *topos*. O *topos* é “um princípio argumentativo, um lugar-comum argumentativo, que serve de intermediário entre o argumento e a conclusão; é a garantia que assegura a passagem do argumento à conclusão” (TEIXEIRA E BARBISAN, 2002, p. 170). O que está em jogo são propriedades graduais postas em relação na forma de escalas, chamadas de *formas tópicas*: Quanto mais P, mais Q; quanto menos P, menos Q; quanto mais P, menos Q e quanto menos P, mais Q (op.cit).

A maneira com quem o locutor põe em cena os enunciadores fica mais clara no próximo exemplo:

**(Excerto 03)** O catador é quem movimenta toda essa cadeia de reciclagem, é o elo principal da sustentabilidade.

E1 (pressuposto): o catador não tem valor para a sociedade.

E2 (posto): o catador de lixo é o principal coletor de material reciclável.

E3: o catador tem seu valor.

Quanto a posição do locutor em relação aos enunciadores, podemos dizer que o locutor apresenta E1, assimila E2 e assume E3. Um percurso possível entre o ponto de vista “negativo” apresentado por E1 e o ponto de vista “positivo” apresentado por E3 passaria pelas seguintes etapas argumentativas:

- E1 O catador de lixo não tem valor para a sociedade  
(porque) o lixo não tem valor  
(portanto) catar lixo é um trabalho sem valor.  
(entretanto) o catador faz parte da cadeia de sustentabilidade  
(porque) E2 o catador de lixo é o principal coletor de material reciclável;  
(pois) ele separa o material reciclável do lixo, (portanto)  
E3 o catador de lixo tem um grande valor para a sociedade

A principal ideia que subjaz a um gesto de análise enunciativa embasada na polifonia ducrotiana é que o emprego mesmo das palavras introduz pontos de vista a elas ligados que participam ativamente do sentido do enunciado. A análise dos exemplos citados poderia ser desenvolvida sobremaneira através da *Teoria dos blocos semânticos*, (entendida como uma “evolução” dos trabalhos de Ducrot), mas fugiria dos objetivos desse trabalho, que é a designação e “atuação” das personagens enunciativas. Importa dizer que Ducrot não desenvolve estudos sobre as figuras correspondentes ao locutor/enunciador, que seriam o alocutário/destinatário, mas esse trabalho foi feito por Eliseo Verón (1987) deslocando as noções para a Análise do Discurso.

### **Três destinatários para o mesmo enunciador**

A presença de um analista de discurso neste texto se justifica, primeiro, pela contribuição original à forma de conceber os “seres de discurso” em especial no que tange ao plano da destinação, e, segundo, pelo tipo de material aqui analisado. Assim como os enunciados políticos pesquisados por Verón, a publicidade é fortemente centrada na figura do destinatário e, portanto, essa “personagem” também merece a devida atenção. Outro esclarecimento diz respeito ao fato de que a multidestinação com a qual trabalha o autor é pensada a partir da dimensão polêmica típica do discurso político. Entretanto, a cena enunciativa que se estabelece por meio da peça publicitária que estamos analisando não pressupõe um destinatário específico, mas multidestinatários que simultaneamente aderem e/ou repudiam os pontos de vista apresentados. Com efeito, assim como na dimensão política, os enunciados “publicitários” devem levar em conta todos os destinatários ao mesmo tempo.

Logo de início, Verón (1987, p. 16) procura evitar “toda perspectiva empirista da enunciação, como, por exemplo, a que aparece nos trabalhos de Oswald Ducrot” já que toda enunciação supõe necessariamente que existam outras enunciações reais ou possíveis, opostas a ela própria, considerando assim uma abrangência bem maior que

aquela estabelecida pela polifonia dos enunciadores e locutores. Ele prossegue dizendo que toda enunciação pressupõe a construção simultânea de um destinatário “positivo”, um “negativo” e um “neutro” a partir de um único enunciador, tomado aqui como “articulador” de todos os pontos de vista presentes no enunciado.

De acordo com Verón (op.cit), o destinatário positivo é a posição que corresponde às mesmas ideias e adere aos mesmos valores que o enunciador e recebe o nome de **prodestinatário**. É usualmente identificado pelo aparecimento do pronome “nós” e sua relação com o enunciador é de crença compartilhada. O destinatário negativo, por sua vez, está excluído do coletivo de identificação “nós” e é justamente esta exclusão que o constitui, por definição, ao ser chamado de **contradestinatório**. Sua relação com o enunciador é de crença inversa, pois o que é verdadeiro para o enunciador, é falso para o contradestinatório e vice-versa. Por último, o destinatário neutro seria aquele que, como o próprio nome já diz, não se coloca nem contra nem a favor do enunciador. Sua relação seria, então, de crença suspensa, a exemplo dos “indecisos” numa eleição política. Recebe a denominação de **paradestinatório** e, de certa forma, é a figura mais “importante” para o enunciador pois é a ela que se dirige toda a “persuasão” típica da publicidade (ou da política).

Vejamos algumas marcas dessa multidestinação no excerto a seguir:

**(Excerto 04)** Eu não tinha noção da importância do meu trabalho. Na verdade, a gente não é catador de lixo. A gente é catador de material reciclável. Lixo é aquilo que não tem reaproveitamento. Material reciclável, sim. O catador é quem movimenta toda essa cadeia de reciclagem, é o elo principal da sustentabilidade. Se o Brasil recicla tanto hoje em dia é por causa dos catadores.

Nesse trecho, as “crenças” do enunciador (para mantermos os termos de Verón) funcionam como “reforço” à figura do **prodestinatário** (que compartilharia a ideia de que é possível fazer um trabalho digno e até muito útil mesmo num aterro sanitário) e é demarcada pelo coletivo de identificação “a gente” (todos os outros catadores), ao mesmo tempo em que a figura do **contradestinatório** é demarcada pelo argumento que vem logo depois da modalização “na verdade”, pois visa a “rebater” a crença deste contradestinatório (para quem ele é um catador de lixo e esse trabalho não teria valor): “na verdade, a gente não é catador de lixo”. Essa afirmação também funciona como “persuasão” do **paradestinatório** (que virtualmente ainda não teria uma opinião formada e precisaria ser convencido) de que é possível realizar um trabalho de muito valor através da coleta de material reciclável, pois “se o Brasil recicla tanto hoje em dia é por causa dos catadores”. Note-se, além disso, como o enunciador tenta deixar claro que não se trata mais de “lixo” sem valor. Na verdade, a figura do prodestinatário é mais fortemente suposta pelo enunciador no último fragmento do texto:

**(Excerto 05)** Hoje minha vida é muito boa. Quando você bebe um produto da coca-cola você se torna parte de milhares de histórias de otimismo, como a minha.

Aqui o enunciador põe em cena seu caráter “persuasivo”, aproximando-se ainda mais de seu prodestinatário explicitado no pronome pessoal “você”: “quando você bebe... você se torna parte...”. Além disso, atentando à simultaneidade característica da multidestinação, o contradestinatário “negativo” encontra algumas repostas que “rebateriam” as suas possíveis críticas: “minha vida é muito boa”, “histórias de otimismo” e também o paradesinatário se sente representado: “milhares de histórias como a minha”.

Em suma, as figuras ampliadas do destinatário conforme Verón as apresenta, mostrariam quanto espaço ainda há para desenvolvimentos e deslocamentos das figuras enunciativas partindo de uma abordagem simplesmente linguístico-enunciativa para a dimensão linguístico-discursiva. Passemos agora a outro estatuto que as figuras enunciativas adquirem no deslocamento dado a elas por Eduardo Guimarães.

### **O locutor-x e os “lugares de dizer”**

Guimarães (1998, p. 112) considera o trabalho de Ducrot como “de fundamental importância histórica”, pois se desenvolve numa direção que leva a se passar “de um conceito pragmático da enunciação para um conceito de enunciação como acontecimento”. Entretanto, a partir dessa constatação, o autor brasileiro distingue seu próprio trabalho, incluindo-se no campo dos que consideram que “não se pode tratar a linguagem sem considerar sua exterioridade” (1996, p. 99). É dessa forma que ele procura considerar a enunciação como o funcionamento da língua afetada pela memória no acontecimento. Isso também permite, segundo suas palavras,

afastar-se da formulação de Ducrot, e não considerar o sentido como igual à representação que um enunciado faz de sua enunciação, ou seja, é preciso pensar o sentido como diferente do dito (explícito e implícito). Caso contrário, retorna, de algum modo, segundo penso, a questão da transparência do sujeito e do dizer” (GUIMARÃES, 1998, p. 115).

Teoricamente, esse deslocamento leva a uma redefinição das figuras enunciativas, em especial a do locutor e a dos enunciadores. Além disso, ele também dá um novo estatuto à figura do falante.

Devo dizer que concordo que o falante, tal como Ducrot o conceitua (como figura físico-fisiológica e psíquica) não é um personagem da enunciação. Minha diferença está em que considero que o falante não é esta figura empírica, mas uma figura política constituída pelos espaços de enunciação. E é nesta medida ela deve ser incluída entre as figuras de enunciação (GUIMARÃES, 2005, p. 18).

Nessa perspectiva, são os *espaços de enunciação* que constituem o falante, na medida em que são “espaços de funcionamento de línguas que se dividem e redividem, se misturam, desfazem e se transformam por uma disputa incessante” (*ibidem*), portanto, a enunciação é assim considerada uma prática política e não individual ou subjetiva. Em outras palavras, “os falantes são tomados por agenciamentos enunciativos configurados politicamente” (GUIMARÃES, 2007, p.206).

A partir deste ponto, uma *cena enunciativa*<sup>5</sup> é proposta para descrever esses *agenciamentos* sendo caracterizada por “constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas” (GUIMARÃES, 2005, p. 23), ou seja, na cena enunciativa, “‘aquele que fala’ ou ‘aquele para quem se fala’ não são pessoas, mas uma configuração do agenciamento enunciativo; são lugares constituídos pelos dizeres e não pessoas donas de seu dizer” (op.cit). Com efeito, o autor passa a descrever o estatuto das figuras enunciativas que compõem a cena: o Locutor, o locutor-x e os enunciadores, aos quais correspondem o alocutário, o alocutário-x e os destinatários. Aqui, nos deteremos aos três primeiros.

O Locutor e o locutor-x estão sempre inter-relacionados, pois figuram no âmbito de uma “disparidade constitutiva”: o Locutor é o lugar que se representa no próprio dizer como sua fonte, entretanto, ele só pode ocupar este lugar afetado pelos lugares sociais autorizados a falar. De acordo com Guimarães,

para o Locutor se representar como origem do que se enuncia, é preciso que ele não seja ele próprio, mas um lugar social de locutor (...) em outras palavras, o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social. A este lugar social do locutor chamaremos de locutor-x, onde o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por

---

<sup>5</sup> Charaudeau (1983) propõe o termo “encenação” para o papel que o locutor, por meio de sua fala, escolhe para se dar e para atribuir a seu parceiro. Também Maingueneau (1993) já havia proposto o estudo da cena enunciativa, neste caso, diferenciando três dimensões: cena englobante, cena genérica e cenografia. Cf. CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

um lugar social que a variável x representa (presidente, governador etc.). (GUIMARÃES, 2005, p. 24).

Na cena enunciativa assim descrita, também entram em cena os enunciadores, mas aqui entendidos como “lugares de dizer”. Explicando essa figura, Zoppi-Fontana (2011) diz que

para o autor, os enunciadores representam no acontecimento enunciativo (e, portanto, nos enunciados nele produzidos) diversos modos de apagamento do lugar social do locutor (locutor-x), ou dito de outra maneira, apaga-se a disparidade constitutiva do agenciamento enunciativo entre o Locutor e o locutor-x: apaga-se para o falante a natureza política do acontecimento de sua enunciação (op.cit. p. 08).

Esses enunciadores, segundo Guimarães (2005, p.26), têm particularidades, especificidades que os categorizam em enunciador-individual (quando a enunciação representa o Locutor como independente da história), enunciador-coletivo (que possui o mesmo estatuto do anterior, mas em vez das marcas de individualidade, apresenta-se como coletividade), enunciador-genérico (quando a enunciação representa o Locutor como difuso num todo em que o indivíduo fala como e com outros indivíduos) e enunciador-universal (quando a enunciação representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso).

Em vista dessas configurações, importa dizer que tanto o lugar de enunciação (locutores) quanto os lugares de dizer (enunciadores) podem mudar, pois a cena enunciativa é uma representação da enunciação que se dá no texto e este, por sua vez, é um acontecimento enunciativo. Para exemplificar essa eventual “mudança” de categoria, Guimarães cita como exemplo o fato de que o locutor-presidente pode falar tanto do lugar de um enunciador-universal, quanto do lugar de um enunciador-genérico, dependendo do enunciado em questão (op.cit. p. 29).

Para ilustrarmos as conceituações citadas e “por a funcionar” as personagens, retomemos a publicidade analisada:

**Excerto (06)** Eu não tinha noção da importância do meu trabalho. Na verdade, a gente não é catador de lixo. A gente é catador de material reciclável. Lixo é aquilo que não tem reaproveitamento. Material reciclável, sim. O catador é quem movimenta toda essa cadeia de reciclagem, é o elo principal da sustentabilidade. Se o Brasil recicla tanto hoje em dia é por causa dos catadores. (...) Eu tive consciência disso depois que eu e um amigo criamos a associação dos catadores do jardim Gramacho, que é apoiada

pela coca-cola. (...) Hoje minha vida é muito boa. Quando você bebe um produto da coca-cola você se torna parte de milhares de histórias de otimismo, como a minha.

Na cena enunciativa representada no enunciado desse “depoimento”, encontramos um Locutor que se mostra como responsável pela enunciação (por meio das marcas da 1ª ps.: “eu”, “minha”, “a gente”, “eu e um amigo”) e que fala do lugar de locutor-presidente-da-associação-de-catadores (o locutor-x). A performatividade do enunciado se legitima por força da posição de “destaque” representada pelo lugar do locutor-presidente-de-associação, que conhece de perto os processos de reciclagem e a demanda por “sustentabilidade” e assim mobiliza um *enunciador-universal* ao afirmar “O catador é quem movimenta toda essa cadeia de reciclagem, é o elo principal da sustentabilidade. Se o Brasil recicla tanto hoje em dia, é por causa dos catadores”. Dessa forma, o enunciador, ao se apresentar como o lugar do dizer, segundo Guimarães (2005, p.26) apresenta-se como quem diz algo verdadeiro em virtude da relação do que diz com os fatos, ou seja, ele fala do lugar do enunciador-universal, pois este é o lugar do qual se diz sobre o “mundo”.

Por outro lado, o mesmo locutor-presidente-de-associação enuncia de um lugar diferente ao dizer “a gente não é catador de lixo. A gente é catador de material reciclável. Lixo é aquilo que não tem reaproveitamento. Material reciclável, sim”, além do próximo excerto:

**Excerto (7)** “a gente virou obra de arte (...) fomos parar até na festa do Oscar!”<sup>6</sup>.

Neste caso, o locutor-presidente-de-associação-de-catadores enuncia do lugar de um *enunciador-coletivo*, identificado com o conjunto dos catadores para os quais o lixo é re-significado como “material reciclável” e o trabalho de coleta como algo de muito valor, pois seu trabalho e suas histórias de vida “foram parar na festa do Oscar”.

Há, ainda, uma outra configuração do locutor-x e dos lugares de dizer, que poderíamos denominar “central” tendo em vista que o material analisado é uma publicidade e, como tal, portadora de um “caráter persuasivo”. A performatividade “persuasiva” de enunciados como “quando você bebe um produto da coca-cola, você se torna parte de milhares de histórias de otimismo, como a minha”, é sustentada pelo lugar social do locutor-presidente-da-associação, que se representa enunciativamente na imagem daquele que “venceu na vida”, que seria um “exemplo de superação” (“*eu não tinha noção da importância do meu trabalho*”, “*Hoje minha vida é muito boa*”,

---

<sup>6</sup> Referência ao documentário “**Lixo Extraordinário**” baseado na obra do artista plástico Vik Muniz, em um projeto desenvolvido no aterro sanitário de Gramacho, no Rio de Janeiro, considerado o maior aterro sanitário da América Latina. O documentário foi uma coprodução entre Brasil e Reino Unido, dirigido por **Lucy Walker** e **Karen Harley** e foi indicado ao prêmio de melhor documentário no Festival norte-americano do Oscar, em 2011.

“*histórias de otimismo, como a minha*”). Nessa perspectiva, o Locutor assimila (novamente) o ponto de vista de um *enunciador-universal*, a partir do qual a superação de adversidades se apresenta como necessária e evidente para todos. O lugar do locutor-x é então constituído como *locutor-presidente-de-associação-ex-catador*, e assim predica o Locutor como “aquele que venceu na vida”, aquele que não é simplesmente um presidente de associação, mas um presidente que foi catador, mas agora “subiu de vida”, o que justificaria, inclusive, o fato de “seu” depoimento figurar numa publicidade.

### **Considerações finais**

Tendo em vista nosso objetivo de descrever e exemplificar as principais figuras enunciativas em voga nos estudos semântico-enunciativos, acreditamos ter contribuído para determinar algumas diferenças constitutivas que os “seres de discurso” ducrotianos adquirem quando deslocados para um campo teórico mais específico.

Procuramos demonstrar a importância dos trabalhos de Ducrot para o desenvolvimento de abordagens linguístico-discursivas que não considerem o sujeito empírico como fonte de dizer. Estudiosos da área sempre citam Ducrot, seja para concordarem, seja para se distanciarem: quando o linguista francês afirma que “o sentido pertence a ordem do observável”, limitando-se ao funcionamento “interno” dos enunciados e rejeitando as condições de produção, é quando ele é criticado (principalmente pelos analistas de discurso) como empirista. Ainda assim, guardadas as diferenças, há muitas instâncias do trabalho de Ducrot que podem servir – e de fato servem – às pesquisas em áreas da semântica preocupadas com a dimensão sócio-histórica dos enunciados. Um exemplo são os trabalhos de Guimarães dentro de um campo teórico maior, que ele denomina “Semântica do acontecimento”. Outro exemplo é o desenvolvimento da figura do destinatário feito por Verón, deslocando a categoria para a Análise de Discurso. Dominique Maingueneau também apresenta uma reflexão significativa sobre o tema, inclusive associando a noção de ethos discursivo a um processo de caracterização do enunciador, “incorporado” na figura de um “fiador” (MAINGUENEAU 2008, 2010) – devido à extensão do trabalho e a proficuidade da proposta de Maingueneau, apresentamos nossa análise de seus conceitos em torno da cena de enunciação e dos “seres de discurso” em outro artigo, complementar ao presente.

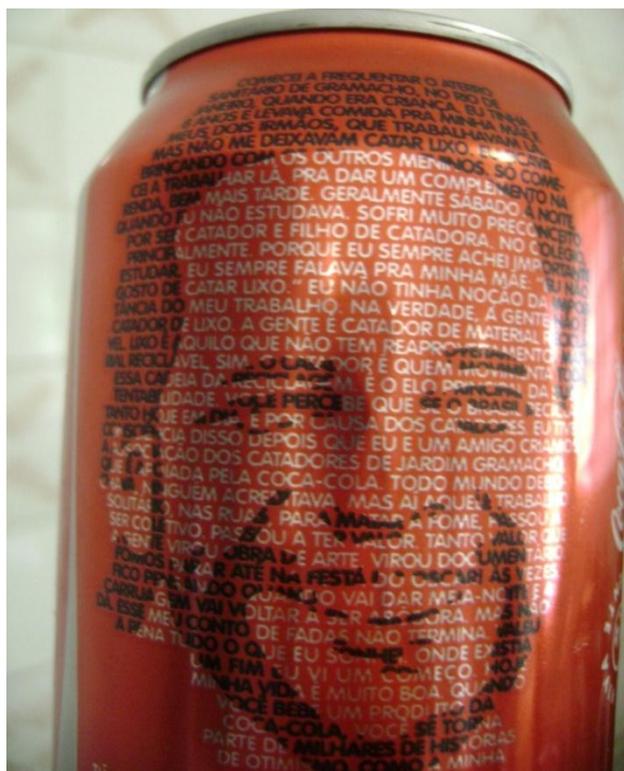
Assim, as filiações e rupturas teóricas comuns ao campo da ciência, especialmente nas áreas interessadas na linguagem, estão inseridas nesse movimento perpétuo de deslocar e construir sentidos, onde os sujeitos são constituídos como “produtores de conhecimento”.

## REFERÊNCIAS

- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique française**. Berna, Franck, 1965.
- DUCROT, O. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação**. In. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes, 1987, pp. 161-218.
- **Polifonía y argumentación**. Conferencias del seminário “*Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*”. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- GARCÍA NEGRONI, M.M. **Argumentación y dinâmica discursiva**. In. *Signo y Seña*, num.9, 1998, pp. 23-43.
- GUIMARÃES, E. **Língua e enunciação**. In. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 30, 1996, pp. 99-103.
- **História, sujeito e enunciação**. In. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 35 1998, pp. 109-116.
- **Acontecimento e argumentação (Posfácio)**. In: ----- *Texto e Argumentação*. Campinas: Pontes, 2007, p.203-216.
- **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- TEIXEIRA, M. & BARBISAN, L. B. **Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot**. In. *ORGANON vol.16, num.32/33 Revista do Instituto de Letras da UFRGS*. Porto Alegre, 2002.
- VERÓN, E. **La palabra adversativa**. In. *Lenguajes y Acontecimientos*. Ed. Edicial. Buenos Aires, 1987.
- ZOPPI-FONTANA, M. **A arte do detalhe**. (no prelo) em revista da UFMS Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Número temático em homenagem ao prof. Eduardo Guimarães, organizado por Rosimar de Oliveira e Elizete Azambuja, Edit.UFMS, 2011.

## ANEXO I

**Foto do enunciado na latinha de refrigerante.**



Crédito: arquivo pessoal do autor.

## ANEXO II

### Transcrição do enunciado na latinha de refrigerante.

Comecei a frequentar o aterro sanitário de Gramacho, no Rio de Janeiro, quando era criança. Eu tinha oito anos e levava comida para minha mãe e meus dois irmãos que trabalhavam lá. Mas não me deixavam catar lixo. Eu ficava brincando com os outros meninos. Só comecei a trabalhar lá pra dar um complemento na renda, bem mais tarde. Geralmente, sábado a noite, quando eu não estudava. Sofri muito preconceito por ser catador e filho de catadora. No colégio, principalmente, porque eu sempre achei importante estudar. Eu sempre falava pra minha mãe: “eu não gosto de catar lixo”. Eu não tinha noção da importância do meu trabalho. Na verdade, a gente não é catador de lixo. A gente é catador de material reciclável. Lixo é aquilo que não tem reaproveitamento. Material reciclável, sim. O catador é quem movimenta toda essa cadeia de reciclagem, é o elo principal da sustentabilidade. Você percebe que se o Brasil recicla tanto hoje em dia é por causa dos catadores. Eu tive consciência disso depois que eu e um amigo criamos a associação dos catadores do jardim Gramacho, que é apoiada pela coca-cola. Todo mundo debochava, ninguém acreditava. Mas aí aquele trabalho solitário, nas ruas, para matar a fome, passou a ser coletivo. Passou a

ter valor. Tanto valor que a gente virou obra de arte. Virou documentário e fomos parar até na festa do Oscar! As vezes, fico pensando quando vai dar meia noite e a carruagem vai voltar a ser abóbora, mas não dá. Esse meu conto de fadas não termina. Valeu a pena tudo o que eu sonhei. Onde existia um fim eu vi um começo. Hoje minha vida é muito boa. Quando você bebe um produto da coca- cola você se torna parte de milhares de histórias de otimismo, como a minha.

Tião Santos, presidente da associação do Jardim Gramacho, RJ.